VINTE E NOVE CRIANÇAS FORAM RETIRADAS DAS RUAS E LEVADAS PARA UM ALBERGUE

FAMÍLIAS EXILADAS

Pela manhã, Irene Queiroz de Melo estava decidida a não sair da barraca de lona montada no final da Asa Norte. "Aqui as pessoas têm bom coração. Só saio depois do Natal". Mas, à tarde, ela não teve querer. Foi levada, com os seis filhos, para o Centro de Assistência Social (CAS) de Taguatinga, e de lá só sai para a Rodoferroviária tendo em mãos passagem só de ida para o Maranhão, terra natal.

Irene e outras 13 famílias — 29 crianças ao todo — foram retiradas das ruas (da Ponte do Bragueto, margens do Lago Paranoá, Parque Olhos D'Água e Samambaia) para passar a noite no Centro de Assistência Social (CAS) de Taguatinga, o albergue dos migrantes sem lugar para morar. Todos eles vão ganhar passagem de ônibus (só de ida) para os estados de origem.

Começa a ser cumprida a determinação da Vara da Infância e da Juventude, que pretende, com isso, tirar as crianças de situações de risco — mendicância, atropelamentos, prostituição e perigo de drogas. A Secretaria da Criança e da Assistência

Social quer desestimular as famílias a deixarem seus estados, na época do Natal, para pedir esmolas em Brasília. No CAS, é grande o desconforto. As crianças têm colchão para dormir, cobertor para se aquecer, mas usam um banheiro imundo e estão sujeitas à violência. Com os recém-chegados foram apreendidos dois facões.

"Política da carrocinha" é o nome que o deputado Marcos Rolim (PT-RS), da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, deu para a decisão do juiz de recolher as famílias. "É carrocinha. Pára, enfia todo mundo num carro e despeja em algum lugar". Mas, para a promotora Selma Sauerbrom, da Vara da Infância e da Juventude, não se pode permitir "que crianças continuem nas ruas em situação de exploração". E, se as famílias insistirem em continuar acampadas, as crianças irão para abrigos.